

Pombogira: Uma Proposta de Construção do Personagem em Dança

Andreia Siqueira Pimentel

Programa de Ensino e Criação em Dança – UFRJ

Pesquisador – Poéticas em Cena: Fluxos e Diálogos – Orientadora: Prof^a Ms. Katya Gualter
Aluna do Curso de Bacharelado em Dança/UFRJ

Resumo: Pombogiras, entidades espirituais femininas que compõem o universo religioso da umbanda, comumente comparadas às prostitutas, são marginalizadas, porém muito poderosas, segundo os umbandistas. Protetoras das mulheres num mundo onde impera o ponto de vista masculino. Tal figura vem munida de uma carga simbólica que subverte a relação de submissão a que as mulheres ainda se encontram confinadas. Seu comportamento, gestos, posturas revelam uma mulher que impera sem em nenhum momento abrir mão de sua feminilidade, explorando sua condição de mulher sem pudor e preconceitos. Este trabalho desenvolve uma pesquisa de movimento e criação artística em dança a partir do universo das pombogiras. A metodologia de pesquisa visa acessar na intérprete de dança sua feminilidade para recriar no espaço cênico uma personagem.

Palavras-chave: corpo, personagem, experiência, performance

O presente trabalho pretende investigar a construção de um personagem inspirado na figura da pombogira através de experimentações em performances que se desdobram a partir das sensações e reações pessoais do bailarino. O debate teórico promove discussões acerca da atitude da pombogira em festividades públicas em duas comunidades de terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro, chamando a atenção para suas condutas caracterizadas por uma lógica de ética que reverbera um novo entendimento de feminilidade em uma sociedade androcêntrica.

Nas religiões de matrizes africanas, a pombogira e seu correspondente masculino exu passaram por um processo de reinterpretação, principalmente, a partir da década de 50, no Brasil. Até então, de um modo geral, essas entidades não eram aceitas nos terreiros de Candomblé ditos ortodoxos, que reivindicam certa “pureza” justificada pela fidelidade as origens africanas. Com a migração de alguns pais e mães-de-santo da Bahia para o Rio de Janeiro e São Paulo, cresceu aceleradamente a criação de casas de Candomblé nessas regiões.

Com isso, vários médiuns da Umbanda passaram para o Candomblé carregando consigo seus exus e pombogiras, que já haviam sido incorporados na Umbanda, como membros da sua falange espiritual. Assim, o Exu atrelado apenas as forças e energias divinatórias de um orixá (divindade máxima; congruência das energias puras da Natureza), ganhou também outra dimensão de entendimento, muito próxima do modo humano de ser e viver no Mundo dos homens: os exus quimbandeiros; grandes conselheiros com enorme prestígio e detentores de elevado poder e manipulação de magia.

O Exu orixá e o exu quimbandeiro têm muitos traços em comum. Nos cerimoniais religiosos públicos e sigilosos, tanto um quanto o outro são os primeiros a serem louvados. O Exu orixá é o senhor dos caminhos, dos destinos. É astuto, brincalhão, vingativo, amigo, interesseiro e fiel. Em suas lendas tem ética própria, ninguém brinca com Exu. Pratica a desordem e por isso possibilita a transformação, a mudança. Morador da encruzilhada aponta as possibilidades e permite os homens a fazerem suas escolhas, na qualidade de mediador entre eles e os deuses.

O exu quimbandeiro e a pombogira são espíritos que tiveram sua passagem pela terra muito conturbada e por isso trabalham para ajudar os humanos e assim, “evoluir”. Porém, são também brincalhões, mediadores entre o plano terreno e o plano espiritual. Tal como o Exu orixá, os exus quimbandeiros possuem uma ética peculiar e não estabelecem moradias. Igualmente para eles, a encruzilhada é o seu lugar de referência por permitir o cruzamento de diferentes direções e sentidos.

Os quimbandeiros carregam os estereótipos dos malandros, vagabundos e das prostitutas. Suas festas são sempre cheias de bebidas alcoólicas, charutos, cigarros e muita música. Subversivos, não se subordinam a ninguém. Com seu comportamento e poder contestam as estruturas hierárquicas dentro do terreiro que se estende a sociedade, principalmente através das interferências na vida dos médiuns. São temidos por adotarem comportamento de caráter anárquico.

Considerando essas características e levantando alguns símbolos referentes aos quimbandeiros, farei um recorte na figura da pombogira analisando a figura feminina, que traça um novo conceito de feminilidade que subverte a posição da mulher em uma sociedade de dominação masculina como a sociedade contemporânea ocidental.

A representação da pombogira carrega elementos, tanto materiais como imateriais, que caracterizam uma mulher “amoral”, a própria analogia a prostituta, mulher marginalizada, permite a pombogira apresentar um comportamento e atitudes que questionam a posição de submissão da mulher. Sedutora e vaidosa, nas cerimônias ela fala palavrões, bebe muito e fuma cigarros. “Está ligada a sexualidade, mas não está a serviço da procriação já que utiliza a sexualidade apenas para seu benefício. Ela é a negação da mãe de família” (Capone, 2009, pg. 117).

A família é uma das principais instituições de reprodução dos capitais simbólicos da dominação masculina. O trabalho doméstico, que até hoje é predominantemente de ordem feminina e sua não remuneração é um dos fatores de desvalorização da mulher. A procriação, a manutenção da família, o cuidado com os filhos são “atividades femininas” confinadas ao espaço interno da casa. Atividades que não precisam de força reproduzem uma imagem de ser sensível e não viril. Mesmo com o avanço das mulheres no mercado de trabalho, saindo do espaço doméstico, a mulheres

ocupam em sua maioria, profissões de pouca ou nenhuma autoridade, confinadas em espaços internos, que caracterizam uma extensão do ambiente doméstico, mantendo a divisão de gênero do trabalho quase uma constante. Logo, a relação interno (feminino) e externo (masculino) ainda se reproduz.

Além da relação interno/externo, a questão da sexualidade e da ostentação do corpo são relevantes na sociedade androcêntrica. Segundo Bourdieu, a mulher é vista como ser-percebido, um corpo que é um corpo-para-o-outro, que se ampara a partir da objetivação do olhar do outro, provocando uma constante insegurança. Quando uma mulher chega a um cargo de poder, esta se vê obrigada a “banir toda conotação sexual de seu *hexis* corporal e de seus trajes” (Bourdieu, 2010, p. 111). Assim lhe é negada a virilidade essencial ao exercício do poder, colocando a mulher em constante prova de sua eficiência.

Pensando nesses três aspectos: espaço, sexualidade e corpo, a pombogira traz uma série de questionamentos sobre a posição da mulher na sociedade. Em relação ao espaço, ela é a mulher da estrada, da encruzilhada, da calunga, trazendo outra referência de espaço dominado pela mulher, não só do espaço externo, mas do espaço de passagem, de trânsito livre. Na sua função de protetora, do seu médium, das mulheres, das pessoas que ajuda a pombogira dispensa proteção, quebrando a lógica de um ser frágil. Assume sua corporalidade feminina, exhibe, ostenta, constrói uma relação de corpo seguro, usa a sexualidade a seu favor.

Garantida pelo seu trabalho bem sucedido e pela sua força, esta figura desloca sua sensualidade feminina de uma leitura “vulgar” para uma leitura que desafia padrões de comportamento ironizando a visão androcêntrica. Ameaça o “equilíbrio” dos gêneros e encontra cumplicidade em exu, pois trabalham juntos, não existe entre eles hierarquia de gênero. A partir dessas questões e de um entendimento sobre a feminilidade, que relaciona a mulher com o poder, com a virilidade e a sensualidade procuramos, através de laboratórios corporais, potencializar essa força feminina no bailarino.

Os laboratórios foram divididos, na primeira experiência de performance, em basicamente duas fases. Na fase inicial, cada bailarina criou partituras corporais, trabalhando posturas e gestos que exploraram as nuances do próprio corpo através de improvisações. Na fase seguinte, entramos em um processo de diálogo desse corpo potencializado em sua feminilidade com um ambiente criado a partir de elementos que citam as festividades públicas das pombogiras como a vela, o cigarro, a bebida no espaço do círculo, da encruzilhada, da passagem, levando o intérprete a se conectar mais profundamente com a sua experiência vivida na pesquisa de campo¹. Cabe observar que

1 Durante os anos de 2009 e 2010, o Grupo PECDAN (PEsquisa em Cinema e DANça)/UFRJ realizou pesquisas de campo em alguns terreiros de Candomblé e Umbanda na cidade do Rio de Janeiro em dias de

nos baseamos em Larrosa no que se refere ao sentido de experiência. Segundo o autor, experiência é aquilo que nos passa, que nos acontece, que nos toca.

Apesar da divisão de duas fases, na realidade a primeira fase continua em processo após o início da segunda, que por sua vez, não finda na apresentação da performance, pois esse personagem, esse corpo dançante é um corpo que ressignifica e que permanece em constante recriação. O objetivo dessa experiência corporal não é estabelecer um personagem, mas buscar dentro de cada bailarino uma relação pessoal com seu corpo feminino, escapando o quanto possível, do Mundo onde se inscrevem as convenções e regras de conduta que retraem e reprimem o potencial feminino quanto as relações de prazer e de poder consigo mesmo e com os outros.

A segunda experiência de performance possibilitou a continuação desse trabalho de busca. Da primeira para a segunda performance, o próprio personagem se modificou em alguns aspectos, mas manteve uma coerência de atitude corporal, o que instiga pensar sobre a construção desse personagem assumindo íntima relação do bailarino com seu próprio corpo. No espaço, a possibilidade de criação de performances que dialogam e são concebidas de acordo com o espaço físico de apresentação, trabalha um afinamento da relação pessoal do bailarino com o espaço, onde procuramos desenvolver uma ocupação espacial em potencial que não se caracteriza apenas pelo corpo do bailarino no espaço e sim por uma energia que pretende tomar o espaço como um todo.

Após algumas experimentações em processos laboratoriais, posso considerar que o desafio desse trabalho ainda não foi superado. O ponto nevrálgico está em mergulhar mais profundamente em práticas/experiências corporais de criação de um personagem, que inspirado na figura da pombogira, se constrói a partir do desdobramento do próprio bailarino e da sua relação com o corpo, com o feminino e com a sociedade, de modo que, ele consiga expandir essa energia de presença feminina para além do seu próprio corpo, ganhando o espaço global da cena, na relação com a Vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPONE, Stefania. *A Busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiências*. Universidade de Barcelona. Disponível em: <http://www.renatoferracini.com> Acesso em ago. 2010.